

STADIUM

N.º 187 — 3 de Julho de 1946 — Esc. 2\$00

A Taça de Portugal foi ganha pelo SPORTING



De joelhos, da esquerda — Armando Ferreira, Sidónio, Peyroteo, António Marques e Albano.
De pé — Cardoso, Roqui (suplente), Verissimo, Juvenal, Manuel Marques, Barrosa e Azevedo.

MATERIAL ELÉCTRICO
COMPRE SEMPRE NA A ILUMINANTE

A ILUMINANTE

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO

LISBOA

PORTO

Av. Almirante Reis, 6

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B

Largo do Intendente, 11 a 17

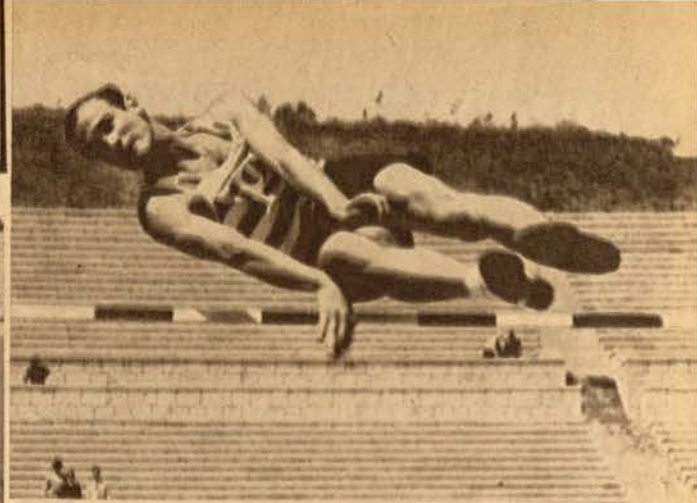
e 209

Stadium

N.º 187 * 3 DE JULHO DE 1946 * PREÇO 2\$00



Paquete chega à meta nos 100 metros, batendo o «record» nacional. Núnico (2.º) e Mendonça (3.º) seguem o atleta encarnado



António Cardoso, do Sporting, numa passagem do salto em altura



Tomás Paquete, novo recordista dos 100 metros



João Silva, mais uma vez triunfador nos 10 mil metros



Os primeiros obstáculos dos 110 metros barreiras, de que foi vencedor Fernando Ferreira

Os SENIORES do atletismo na 1.ª JORNADA do CAMPEONATO

Francisco Bastos, ganha com segurança, os 1500 metros



Os concorrentes aos 10 mil metros, após a partida



SPORTING CLUBE DE PORTUGAL é o detentor da "Taça" de 1946

A luta obedeceu ao vento! — O Atlético desorientou-se no seu período de ataque — Os "leões" conservaram a sua "organização" também quando se defenderam!

Crónica de TAVARES DA SILVA



Taça de Portugal de 1946 já tem dono. E vitrina. E seu detentor o Sporting Clube de Portugal, que, numa especial vocação por este género de provas, a ganha duas vezes seguidas e sete no conjunto. Sporting venceu bem. Atlético caiu — de pé. O resultado de 4-2 e a forma como o desafio decorreu exprimem dois adversários à altura do momento, uma verdadeira final!

Sporting — Azevedo, Cardoso, Marques, Veríssimo, Barrosa, Juvenal, Armando Ferreira, Sidónio, Peyroteo, António Marques e Albano.

Atlético — Correia, Baptista, Francisco Lopes, Morais, José Lopes, Rosário, Micael, Marques, Gregório, Rogério e Manuel da Costa.

Árbitro: José Lira, de Braga. **Fiscais de Linha:** Domingos Godinho e Joaquim Jesus Leal, de Lisboa.

Os árbitros são muitas vezes culpados de aquilo que se passa em campo. Bem sabemos que, num encontro decisivo, em que se decidem no fundo todos os encontros disputados até aí, se deverão dar certas largas e não exagerar em rigores e minúcias. Mas o juiz de campo deve ter pulso e autoridade, exprimindo na *linguagem do apito* que não admitirá desacatos nem torpezas. Desculpam-se, de certo modo, as brutalidades e os truques quando a intenção é de jogar. Nunca, quando o intuito é de magoar o adversário. Para se jogar torna-se indispensável haver ordem no terreno. José Lira, o árbitro, não estava à altura da final da Taça, e, felizmente, as consequências da sua falta de envergadura não foram funestas por mero acaso. A sua boa vontade e imparcialidade defendem-no um pouco. E por aqui nos ficamos, neste capítulo.

O Sporting soube jogar ao at-

que — consequência, algumas vezes, do que joga a defesa. Tendo escolhido o campo a favor do vento (candeia que segue à frente alumia duas vezes!), dominou territorialmente de entrada e procurou com acerto traduzir, no ponto de vista prático, o seu domínio. As quatro bolas marcadas no primeiro tempo, contra uma do adversário, decidiram o pleito.

A colocação dos sportinguistas foi a mesma dos últimos desafios: defesas e médios na habitual posição e no já velho processo de marcação, e dianteira constituída por quatro unidades e o interior esquerdo atrasado, em tarefa de reforço e transporte de bola. No primeiro relance, esta distribuição de pedras parece diminuir o poder da linha da frente e necessariamente de acusar a falta de *alimento* de jogo, mas a verdade é que se trata de uma orientação que procura valorizar o ataque, derivando para a linha média quase que exclusivamente o trabalho de servir a frente de batalha. Pela nossa parte, julgamos a orientação lógica, pelo menos. Boa ou má, todavia é indiscutível que tem produzido bons resultados na prática sportinguista, e isso é o que interessa. De resto, seja qual for a tática adoptada, impõe-se especialmente que um grupo nunca perca a ideia de conjunto e o sentido da sua organização. O Atlético perdeu no domingo esse sentido. Logo veio a desorientação. Consequência: a derrota.

Os médios sportinguistas serviram menos mal os atacantes, não se tendo dado pela falta dos chamados *transportadores da bola* (interiores). Alguns dos seus eruzamentos ao extremo contrário foram bem executados. Na frente, todos os elementos actuaram com excepcional rapidez, batendo em corrida e movimentos o adversário. Registou-se ainda a compreensão do lance a realizar por parte dos avançados, e lástima foi que o interior-direito se esquecesse algumas vezes dos golpes estudados. Em todo o caso, o Sporting

surgiu como um conjunto suficiente para dominar o seu adversário. Era uma *team* mais perfeita na concepção e na execução!

Quando, após a troca dos campos, o favor do vento concedeu ao Atlético a vantagem do território, os *leões* abandonaram logicamente, e por impossibilidade manifesta, o seu sistema de ataque, mostrando então, em compensação, a força da sua defesa. Aliás, o fraccionamento do futebol atlético favoreceu a defesa sportinguista. Aqui está como o *team* leonino nos aparece como excelente vencedor, forte no ataque — ao atacar; sólido na defesa — ao defender.

Colocamos num plano acima de todos Fernando Peyroteo. Está no apogeu das suas facultades, de melhor toque de bola e com poder de execução, sabendo por $a + b$ como deve jogar e nada perdendo da sua força rematadora. Todas as suas jogadas, excelentemente executadas, foram primorosas de visão. Segue-se logo Albano, perigosíssimo no seu processo rápido, de grande rendimento de jogo — pois não deixando de rematar na hipótese certa, fez passagens, para o homem melhor colocado, verdadeiramente modulares. António Marques também contribuiu grandemente para o êxito de semelhante ataque realizado. Já Armando Ferreira e Sidónio se classificaram como os mais fracos, embora elementos que não desmancharam a unidade do conjunto.

De Barrosa, como de Veríssimo, já se sabe que jogam sempre com entusiasmo. Há a creditar-lhes bons passes aos pontos. Juvenal distinguuiu-se, no entanto, a nossos olhos, talvez por tratar-se de um elemento menos conhecido: consciencioso, atento, passando razoavelmente. Cardoso e Manuel Marques combinaram perfeitamente. Uma excelente barreira defensiva, que teve e tem a felicidade de dispor do complemento indispensável: o grande João Azevedo.

O Atlético estava disposto, ao pisar a relva, a dar tudo!

Por isso, gostámos bem mais do Atlético da primeira parte do que da segunda. Na primeira fase do encontro, até ao momento da quarta bola sportinguista, perto do intervalo, o Atlético conservou inalterável a sua organização. Mantinha-se firme na defesa, sendo ba-

tido nos golpes fatais para qualquer equipa, e não só para o Atlético, e os seus homens da frente, uma vez de posse da bola, não procuravam ver-se livres dela de qualquer maneira, como se acartassem um fardo pesado, mas antes combinam e *fazer* jogo, na fórmula rasteira, a mais aconselhável, procurando vencer pela sua combinação a estrutura defensiva do inimigo.

Depois da quarta bola, que se seguiu aos 3-1, os atléticos consideravam-se vencidos; e, na segunda parte, actuaram desligados e sem conjunto, querendo chegar às balizas por linhas rectilíneas e sem tornar as dificuldades. O resultado não podia ser outro: apesar de instalada na casa sportinguista — eram os sportinguistas que mandavam em casa. E mais uma vez assistimos ao espectáculo da impotência de um ataque ante uma defesa segura, a quem importava apenas que o tempo decorresse sem que as redes fossem tocadas.

Micael foi o avançado que produziu mais jogo, conduzindo a bola e passando bem. Rogério fez aquilo que se chama uma boa *breiga*, accorrendo à defesa e transportando ágilmente a bola para o ataque. Gregório já não tem nos pés a velocidade que a condução de um ataque exige; e Manuel da Costa, um jogador de pés como poucos, tem um temperamento estranho. Já o interior Marques esteve, ao menos, trabalhador e com força de vontade, desejo que os lances lhe saíssem bem, mesmo quando as coisas lhe corriam mal.

A conjugação de esforços dos médios com as defesas deu-nos a sensação de confusa, e é difícil na confusão destacar valores. Devemos dar, no entanto, um lugar aparte a José Lopes. Os outros dois, Morais e Rosário, cometeram o defeito, na segunda parte, da bola para o ar e para a frente — e tudo o vento levou. Francisco Lopes revelou maior agilidade do que Baptista, este muito trabalhador, e destacando-se na visão de vários lances. A derrota não pode assacar-se a Correia — pese às suas fantasias. O primeiro *goal*, de Peyroteo, é daqueles que se vê a bola anichada nas redes quando ainda em trajetória. Os restantes resultaram de remates próximo da madeira. Enfim — fechou a época. Já era tempo!

MANEIRAS DE FAZER JORNALISMO

Sobre as "Opiniões depois do Espanha-Irlanda"

MUITA coisa se diz, por vezes, do nosso jornalismo da especialidade, sem fundamento. Todos nós, os que trabalhamos na imprensa desportiva, cada um com a sua personalidade, estilo e temperamento, mesmo a sua filiação ou inclinação clubistas, procuramos ser justos e, acima de tudo, verdadeiros, só por equívoco repetindo ou dando informações que não correspondem à verdade.

O jornalismo português tem as suas características, e é muito diferente, por exemplo, do espanhol. No entanto, muitos desportistas lêem, babados de gozo, os jornais estrangeiros, especialmente os da vizinha nação, por uma questão de proximidade e de percepção de idioma, tendo sempre qualquer ironia na ponta da língua para os nossos jornais e para o esforço sério e intenso que os jornalistas vêm desenvolvendo há muito tempo no campo da reportagem, e propriamente no aspecto técnico, dada a notoriedade do jornalismo da especiali-

dade, o que se reflecte na divulgação e expansão da cultura física e no aperfeiçoamento das suas diferentes modalidades.

Vêm estas considerações a propósito da maneira de fazer jornalismo em Espanha, no capítulo desportivo, tanto importando a verdade como a mentira. Falar ou não falar, para os nossos camaradas espanhóis, é o mesmo, assim como dizer sim ou não. Porque eles trocam as palavras quando entendem ou escrevem a fantasia da sua vontade, quando tal sirva o pensamento que desejam servir. Mas passemos à história.

Acordáramos bem dispostos no dia a seguir ao Espanha-Irlanda. Era naturalíssimo. Havia-se dito por cá, depois da nossa vitória, que os irlandeses não eram fortes (pouco mais do que um team vulgar!) e os técnicos Passarin e Escartin, principalmente este, reforçavam semelhante ponto de vista — prevendo uma derrota catastrófica dos irlandeses em Espanha. Ora, a grande deficiência do Estádio Nacional Metropolitano foi também aquela revelada no Jamar: fraco poder de remate e demora na execução do pontapé mortal. Isto mesmo assevera tam-

bem, na sua lão lúcida crónica, o crítico Eduardo Teus (um homem que sabe ver bola!), afirmando que, se não fora isso, a Espanha teria registado, no fim e ao cabo, um dos seus mais dolorosos desastres futebolísticos.

Logo nos dispusemos a ler os jornais. Mas às segundas, de manhã, só se publica um periódico em Madrid. E a Hoja del Lunes. Comprámo-lo, e deparámos com as habituais opiniões depois do partido, altíssimas repetidas, mais tarde em todos os jornais de Espanha. Tralava-se de uma chapa. Qual não foi o nosso espanto, ao vermos que nos era atribuída a seguinte opinião: A Irlanda jogou melhor contra a Espanha do que frente a Portugal. Gostei muito mais da Irlanda neste jogo.

Ora, nós não tínhamos falado com ninguém, e em caso algum podíamos dizer uma coisa que não representava a nossa maneira de pensar. Pelo contrário, mantínhamos a opinião de que a Irlanda foi a mesma Irlanda, em Portugal e em Espanha, havendo apenas mudança no que se referia ao adversário. Limitámo-nos a sorrir. Dessa declaração não viria mal ao mundo...

Mas o caso não fica por aqui. Há pior e mais expressivo. Ainda não estãoamos refeitos da surpresa, quando, sob os nossos olhos, caíram estas palavras, a opinião do árbitro suíço Wartburg: São melhores jogadores os espanhóis. Os irlandeses actuaram muitíssimo melhor do que em Lisboa; se ali tivessem jogado como aqui, teriam ganho por mais de cinco «goals». Gostei da defesa, e a dianteira espanhola esteve fatal. Os melhores jogadores espanhóis: os dois extremos.

Esta declaração começou por nos chocar. (Que diabo! Logo mais de 5 bolas!) Mas depois divertiu-nos, pois considerámos que deveria ser da mesma espécie da nossa...

E era, na verdade! Ao outro dia almoçámos na companhia de Wartburg com os dirigentes espanhóis e irlandeses, em Recoletos, por amável convite do nosso camarada Alberto Martín Hernandez. E logo o suíço, ao ser interrogado sobre a famosa opinião, nos disse não ter declarado semelhante coisa, pois, em seu entender, tanto em Lisboa como em Madrid, tinha ganho o melhor team.

Para que semelhantes fantasias? Compreendemos, ao ler as palavras que um jornalista espanhol por certo pôs também na boca de Harrys, seleccionador da Irlanda: O grupo espanhol é a melhor equipa de futebol que tenho visto até hoje.

Era preciso, no fundo, salvar esta grande equipa espanhola de futebol, que, tendo perdido, era qualquer coisa parecida como a melhor do mundo!

ATLETISMO

A primeira jornada dos Regionais

NÃO estamos afinal tão por baixo como se apregoava; a um mês do Espanha-Portugal, os nossos melhores atletas aparecem-nos em boa forma e conseguindo resultados que, se não tranquilizam em absoluto, deixam enfrentar com relativa confiança o nosso grande combate.

As provas disputadas no Estádio Nacional, em tarde de forte ventania, que ajudava — além do que o permitem os regulamentos — os corredores de 100 metros e de 110 metros barreiras, mas era mais um obstáculo a vencer pelos restantes, tiveram resultados muito interessantes e permitiram verificar dois pontos fundamentais para o valor da futura equipa de Portugal: a recuperação de João Silva e a cura de Francisco Bastos.

Jantemos-lhes a excelente forma de Matos Fernandes, o reforço de António Cardoso, o progresso prodigioso de Tomás Paquete e as razões de satisfação abundantes.

O feito dominante da tarde foi o tempo de 10,5 s. atribuído ao vencedor dos 100 metros. Ninguém poderá contestar a superioridade de Paquete sobre os seus adversários e a impressionante velocidade da sua corrida. No entanto, não nos deixemos embalar com ilusões; o vento ajudou consideravelmente a marca atribuída (era tão forte que derrubava as famosas barreiras regulamentares inventadas pelos antigos super-técnicos da Associação de Lisboa, e que ainda são consideradas válidas, para testemunho da incredulidade dos dirigentes da modalidade), e podemos ter a certeza que em Montjaich, nem Paquete fará 10,5 s. nem Nanejo 10,7 s., nem Fernando Ferreira 15,7 s.

Estamos contado bem de corredores de velocidade e, se os homens souberem conservar a

condição actual, deveremos marcar boa superioridade sobre os espanhóis.

Na corrida de 400 metros, Matos Fernandes, apesar de haver acabado de saltar em nitara, obteve bela vitória, no seu melhor tempo; Artur Dias partiu demasiado lento, deixou-se agarrar logo por Fernandes, que corria na pista interior, e cedeu no final, sem remissão. Aspiciosa estreia de Domingos Canhão; 53 s., na primeira vez que corre a distância, é muito animador.

Francisco Bastos correu com grande inteligência os 1500 metros e, mais ainda, lê-lo como excelente camarada de clube; soube condair Humberto Bastos ao segundo lugar, sem precipitações, auxiliando-o a tirar todo o proveito das suas optações e forma apurada.

A prova de 10000 metros foi mais uma vez ganha por João Silva, que fugiu como e quando quis ao seu habitual companheiro Afonso Marques; os restantes chegaram ao desbarato e só Oliveira e Silva merecem ser citados pela energia demonstrada na perseguição ao impossível.

A prova de saltos em altura teve resultado excelente para as nossas possibilidades. Matos Fernandes com 1 m. e 85 cm., António Cardoso com 1 m. e 80 cm., e ambos com recursos para irem além, garantem-nos uma parreira de representantes superior à do ano passado.

João Durães vale muito mais do que fez; saltou completamente descoordenado, não parecendo o mesmo que vimos no torneio do Internacional. Calma, confiança, estudo, e a crise será apenas passageira.

Luis Alcide e João Vieira foram ainda os primeiros no triplo-salto e, sem alcançarem as suas melhores marcas do final da época passada, conseguiram distâncias tranquilizadoras. Mo-

niz Pereira foi um bom terceiro; eis um exemplo louvável do que se pode conseguir com vontade e trabalho, no aproveitamento integral das localidades próprias. O lançamento do dardo foi ainda mais pobre do que é costume; não existimos nesta especialidade.

Convém notar, no entanto, que o concurso não foi disputado em condições regulamentares, pois a zona de corrida era de nível mais baixo do que o terreno de queda do dardo.

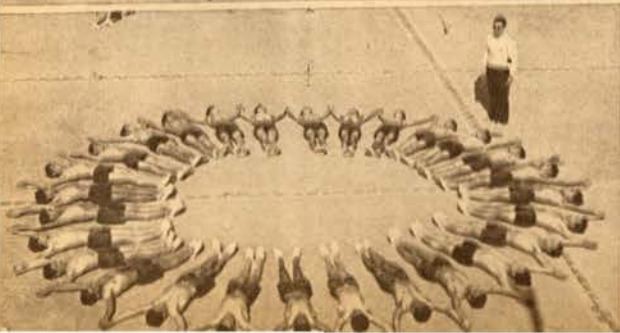
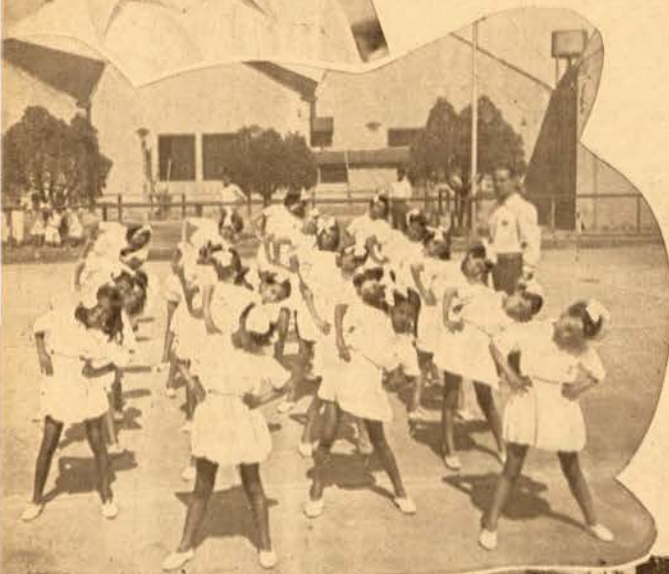
Os lançadores do martelo, desorientados para um longo campo de treinos, com peso impróprio por ser demasiado brando, fizeram o que puderam e puderam pouco.

De modo geral, deve reconhecer-se que as instalações de atletismo no Estádio Nacional não satisfazem; a pista, erradamente construída de início, tem sido grandemente beneficiada e não oferece já motivo para sérias críticas, quando é preparada com a necessária antecedência, mas os locais de saltos estão pessimos.

A organização arrastou-se demasiado, como é de norma; os concorrentes aos 400 metros, por exemplo, foram chamados à pista, colocaram os blocos de partida nos locais respectivos... e só partiram meia hora depois!

Os campeonatos tendem a ressamir-se cada vez mais ao duelo Benlitz-Sporting, com a característica de superioridade do primeiro em figuras de primeiro plano e vantagem do segundo no maior número de elementos classificados. Nesta jornada os «encarnados» começaram com 19 pontos a zero, conquistados na corrida de barreiras, a que só concorreram benlitzistas e vieram a acabar apenas com três pontos à maior: 88-85.

LELIO RIBEIRO FALA-NOS DA ACTIVIDADE das CUFISTAS barreirenses



O Grupo Desportivo da «Cuf» tem o seu nome ligado ao desporto nacional graças a uma actividade briosa e persistente. E os funcionários da empresa fabril que deu o nome ao grupo desportivo, procuram também notabilizar-se, ora comparecendo nos torneios da organização corporativa, ora colaborando decididamente com os dois núcleos: — o que pertence aos empregados; e aquele que, fugindo deste âmbito, pode cair nas graças da gente de todos os sectores.

Esta reportagem tem o seu bocado de cada núcleo. Mas, analisada com maiores cuidados, encontramos-lhe mais sabor corporativo, embora não possa anular-se certa projecção nos meios que lhe não são afectos.

Pode ser o caso da reportagem dedicada pela «Stadium», á familia cufista. E' esta sem dúvida alguma a melhor verdade, e aceite-se por isso como justificativa do esforço bem patente dos que na grande casa de Lisboa e do Barreiro desenvolvem a sua actividade.

Esqueçamos, entretanto, que os cufistas se dedicam ás mais variadas modalidades desportivas: — basquetebol, natção, atletismo, voleibol, futebol, etc., e falemos da ginástica, que está a ser admiravelmente compreendida nos grandes aglomerados de que a «Cuf» é seguro exemplo.

A orientação técnica das classes foi entregue em boas mãos. Lelio Ribeiro, antigo professor de ginástica e de atletismo do Sporting Clube de Portugal, antigo atleta do Lisboa Ginásio Clube, actual professor dos universitários da Mocidade Portuguesa e do Liceu D. João de Castro, homem que conquistou

um campeonato universitário de disco, jornalista, formado com distinção pelo Instituto Nacional de Educação Física — é o lapidador. E não há dúvida alguma de que Lelio Ribeiro tem produzido obra acertadíssima e de largo futuro, visto ser dos que trabalham em profundidade. Isso se infere das palavras que por nosso intermédio transmite aos leitores da «Stadium».

— Há quanto tempo tomou conta das classes?

— Esta época, desde 1945. E confesso-lhe que aceitei o convite com inteiro prazer. Fui substituir professores como Cristovam Teixeira, e Júlio Moreira. Na «Cuf» há interesse relativo.

De um modo geral, entretanto, o «barreirense» gosta do desporto, e de tal maneira que se projecta a construção de 3 ginásios, para o Barreirense, «Cuf» e Luso. Isto do interesse é uma questão dos «meios empregados» para atingir os fins em vista.

— Tem muitos praticantes?

— Bastantes. Raparigas — 40; Rapazes — 80; Homens e cadetes — 60; Outros desportistas — 40; Bombeiros — 30. Ministro ás raparigas, rapazes, homens e bombeiros — ginástica sueca e educativa; aos restantes, ginástica educativa e desportiva, um misto que é agradável e útil.

— Projectos?

— Alguns, que tenciono propor aos meus superiores. Julgo que para a nova época, teremos alguma coisa de novo. Já comparecemos no sarau do Coliseu, a favor do «Socorro Social» e no campeonato nacional da M. P., aqui com a classe de cadetes, e não deixámos má impressão.

— A «Cuf», faz parte, como Centro de Alegria no Trabalho, do pelouro desportivo da F. N. A. T.?

— Fazemos parte de uma obra de assistência social e desportiva. Colaboramos nela decididamente.

— Há instalações próprias na «Cuf»?

— Trabalhamos num armazém de fio de juta, com aparelhagem moderna, mas o Sr. D. Manuel de Melo já autorizou a construção de um cinema, servindo o palco de ginásio. Com toda a boa vontade do sr. Luis Guerreiro, chefe da secção de construções — tudo se resolverá no próximo ano.

RODRIGUES TELES

LEGENDA: de cima para baixo: — Lelio Ribeiro, e alguns esquemas das classes de senhoras, homens e rapazes, dirigidas pelo distinto professor.

O ESTÁDIO do VITÓRIA e a primeira aspiração dos setubalenses

O Vitória de Setúbal! Eis um popular clube de futebol que está agarrado — prestigiosamente agarrado — aos melhores momentos do futebol nacional. Vibeiro de jogadores, revelação de alguns dos nossos grandes jogadores, o Vitória de Setúbal continua firme nos seus propósitos desportivos — o futebol em primeiro plano.

Com o sr. Luciano Roullé, vice-presidente do clube setubalense, trocámos algumas palavras. Garantiu-nos que o Vitória de Setúbal continua no seu desejo firme de se impor, dignificando os seus tão honrosos pergaminhos desportivos.

— O Vitória caminha bem — disse-nos. A sua vida associativa vai por linhas direitas. Há interesse. Todos estamos confiados, uns nos outros, em colaborar na obra de progresso desportivo que o Vitória tem elaborada. Agora — terminada a época — todas as atenções estão concentradas no próximo ano desportivo.

— E que impressão lhes deixou a época prestes a terminar?
— Foi um pouco irregular. O campeonato de Setúbal é o mais longo de todos e por conseguinte obriga a um maior cansaço dos jogadores. Pretendíamos o 5.º lugar no Nacional e creio que se o obtivéssemos não seria injustiça. Mas estamos animados. Creia que dentro do Vitória de Setúbal, tanto nos seus dirigentes, como nos atletas e associados todos estamos animados do maior entusiasmo e prontos ao dedicado trabalho de que o prestigioso Vitória de Setúbal vai dar mostras.

— Excelente! Temos então grandes projectos?

— Bastantes, especialmente, a construção do nosso Estádio. O ante-projecto está aprovado. Vamos agora apresentar o projecto definitivo e todos estamos esperançados em que esta grande aspiração seja em breve realidade. Claro que contamos com o apoio não só das entidades oficiais como de toda a gente. O Estádio do Vitória de Setúbal, a erguer-se, será, como não podia deixar de ser, uma obra magnífica para o interesse do desporto, não só local como Nacional. E esperamos, com razão, que na nossa terra o auxílio seja total. O Vitória, que sempre tem auxiliado todos os clubes locais espera então poder contar com todos. De uma comunhão de interesse e de bom apoio a nossa obra surgirá completa.

— Jogadores?

— O nosso grupo cumpriu o melhor que lhe foi possível. Para a próxima época devemos apresentar alguma gente nova, o Vitória de Setúbal não esquece os seus tempos passados. O nosso jogador Manuel Ataz que este ano se afirmou como um bom valor, é uma demonstração disso mesmo. Trata-se de um produto setubalense. Vêlo dos juniores do nosso clube e nele depositamos as melhores esperanças. E parece-nos que temos razão para assim pensarmos, tanto mais que este nosso jogador além das suas boas qualidades de futebolista, é inteligente, assimilando muito bem o que é necessário impor no decorrer de uma jogada onde nem só os pés têm de actuar.

— Acerca do vosso treinador Armando Martins?

— Bom elemento. O seu trabalho satisfaz-nos mas está demissionário. Deixa o clube a seu pedido e nós, compreendendo as suas razões, não podemos opor-nos. Sabemos que vai para Matozinhos treinar o Leixões.

— Como o substituem?

— Neste momento tratamos de solucionar esse problema. E julgamos que dentro de breve dias possamos anunciar quem será o novo orientador técnico dos jogadores setubalenses. Por enquanto temos fundadas esperanças de que um bom elemento português virá tomar conta dos grupos do Vitória. Deixe que lhe diga que preferimos um treinador português. Só no caso desse elemento não querer colaborar escolhemos um treinador estrangeiro.

— Podemos então contar com o Vitória de Setúbal?

— Absolutamente. Preparamos tudo para o futuro do Vitória de Setúbal. A próxima época já há-de mostrar os nossos propósitos.

Por estas palavras se depreende que o Vitória de Setúbal está na firme disposição de honrar as suas tradições futebolísticas. No popular clube setubalense está-se trabalhando com entusiasmo e dedicação. Os nossos votos de que se confirmem todos os seus bons projectos.

Fernando Sá



Publicamos nesta reportagem alguns aspectos gráficos da simpática actividade dos setubalenses. Vejamos de cima para baixo e da esquerda para a direita: Acácio conversa, sorridente, com alguns colegas de equipa, antes de um encontro no campo dos Arcos. A seguir, já equipados, ouvem 5 jogadores as instruções do seu treinador Armando Martins. Contra a Académica, seu antigo clube, Acácio não se recusa a uma conversa alegre. Discute-se o péso da bola... Em cima, do lado direito, o jovem Ataz, vindo dos juniores e uma esperança dos setubalenses

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

ATLETISMO

Uma pista curta demais

O velocista de cor, E. McDonald Bailey, que havia corrido as 100 jardas em 9,7 s. no campeonato de atletismo da R. A. F., igualando o recorde do padre Eric Lidell, falecido no Oriente, vítima do dever, não pôde ver o seu tempo homologado.

Medições posteriores verificaram que a pista de White City tem menos 7 polegadas (17,5 cm.) do que o necessário para atingir a distância fixada.

Wooderson distingue-se

SIDNEI WOODERSON correu em Rotherdam, numa pista de relva, 3 milhas planas (4.810 metros) em 14 minutos 32,2 segundos.

HIPISMO

As corridas de Auteuil

LINDOR, de Jean Stern, montado pelo jóquei J. Geoffroy, ganhou a prova de Steeplechase de Paris, corrida no Hipódromo de Auteuil. O segundo classificado ficou a cinco comprimentos.

O prêmio atribuído ao primeiro foi de 2.850 libras e a distância percorrida: 6.400 metros. Esta prova hípica tem foros de sensacional e conta sessenta anos de existência nos anais do turf francês.

TÊNIS

O Torneio de Wimbledon

O torneio anual de ténis que se realiza em Wimbledon, sem a menor dúvida, o mais importante e conceituado certamente internacional que se conhece.

Interrompido durante os anos da guerra, voltou a ser organizado agora, participando algumas das mais competentes «raquetas» de todo o mundo. Em singulares, a vitória final deve inclinar-se a favor do americano Jack Kramer, do equatoriano Segura ou do australiano Dinny Pails. Isto, quanto a cavalheiros.

No grupo das senhoras são francamente favoritas as americanas Paulina Betz e Osborne, pois a representação feminina dos Estados Unidos é a mais forte que há memória.

RUGBY

Nova vitória dos Ingleses na Austrália

EM Brisbane, quinze jogadores representativos da England Rugby League, em giro pela Austrália, derrotaram Wide Bay por 16 pontos a 12. No final do primeiro tempo o resultado era de 5 pontos a favor de cada grupo.

BOXE

A carreira de Guedes na América

OS jornais continuam registando rotundas «vitórias» de Agostinho Guedes na América do Norte. Depois que se viu o nosso campeão dos semi-pesados resistir menos de um assalto a Marcel Cerdan, levando-lhe, embora, dez quilos de vantagem, cabe-nos perguntar se os pugilistas americanos são ainda piores que o nosso compatriota.

Um jornal houve que descobriu num pobre estivador (P), chamado Over Zanaris, brilhante passado desportivo e cognome de «Rei do Knockout». É certo que a realidade anda bastante desacreditada nos dias amargurados actuais e, portanto, esse monarca do «ring» pode muito bem ser criatura sem emprego nem modo de vida. Lá quanto à grande cotação e à vitória obtida sobre o campeão do Mundo, pedimos vênia. O anuário americano *The Ring Record Book for 1946*, referido a 31-12-945, que contém as proezas dos principais pugilistas americanos, australianos e ingleses, não compreende nenhum Zanaris, nem mesmo na 3.ª série!

A classificação anual de Nat Fleischer publicada em *The Ring*, reunindo em 4 grupos e um extra todos os pugilistas importantes dos E. U. A., não menciona qualquer Zanaris.

Temos que confessar o nosso profundo desrespeito pela grandiosidade do feito de Agostinho Guedes, embasbacando os seus compatriotas por via-áerea em auto-laudatórias. E o pior é que os jornais, na ânsia de informar o público, impingem-lhe gato por lebre servindo-se da sua onnipotente e onisciente gravidade informativa.

Boa vitória de Arceniega

REALIZOU-SE em Madrid, no dia 23 de Junho, um sarau de boxe com atraente programa.

O poderoso Arceniega, pesando 83.300, pôs fora de combate ao 8.º assalto o pugilista italiano Nemesio Lazzari (89 kg.), dominando-o francamente desde início. Na mesma noite, Mário Lutti e José Lloveras, ambos com 56.600 kg., empataram em 10 rounds.

E outra de Luís Romero

NO circo Price, celebrou-se, no dia 19, um combate entre o campeão de Espanha dos «meios-leves», Luís Romero, e o titular europeu da mesma categoria, italiano Bonetti. No final dos oito assaltos a decisão coube ao espanhol, por pontos, com escassa vantagem, mas o título não estava em competição.

NOTA DA SEMANA

O pugilista espanhol Inácio Ara é um dos mais flagrantes exemplos de longevidade desportiva. Natural de Sigües, provincia de Aragón, onde nasceu em Abril de 1909, principiou a boxear na qualidade de profissional aos vinte anos e à presente data ainda não pendurou em definitivo as luvas de seis onças.

O número de combates disputados desde que pisou a lona, em 1925, ascendeu agora ao valor 300.º, precisamente aquele que determinou a sua derrota por pontos e a perda do título de campeão de Espanha dos pugilistas semi-pesados.

Ara enfrentou e combateu com brilho muitos jogadores europeus e americanos de grande cartaz: Tommy White, Ponce de León, Bloomfield, Canada Lee, Sammy Baker, Ben Jeby, Kid Tunero, Marcel Thil, etc.

Em Maio de 1932 venceu por fora de combate o austríaco Neubaner, conquistando o campeonato da Europa Continental na categoria dos «médios», e foi delentor no seu país de vários troféus. Muito embora a balança sempre registasse valores à roda dos setenta quilos habituais de Inácio Ara, combateu adversários superiormente pesados, tais como Martinez Alfara, Paco Bueno, Arceniega, etc., ganhando, empatando e perdendo por pontos.

Na memória de alguns dos nossos leitores estarão ainda presentes as imagens do combate disputado na Praça de Touros do Campo Pequeno, no dia 1 de Agosto de 1935, contra António Rodrigues, combate em que o espanhol fez magnífica exibição de talento esgrímico contra o forte e decidido campeão nacional.

O segredo da longevidade de Inácio Ara assenta precisamente na maneira científica do seu trabalho. A teimosia deste «baturro» levou-o a prescindir do estilo batalhador e atabalhoado, preferindo a esgrima cautelosa e certa, que domina sem destruir o físico dos adversários, conservando a integridade do próprio.

O boxe só assim se compreende e justifica. Como esgrima de punhos aperfeiçoada, embora convencional sob determinados aspectos, julgamo-lo de franca utilidade prática e desportiva. Como sistema de pancadaria à loá, consideramo-lo uma caricatura, inútil como exercício corporal, estímulo nocivo, incapaz de educar o espectador e propício a ofensas graves no organismo do praticante.

R. B.

FUTEBOL

A transferência de Frank Soo

O clube Luton Town chegou a acordo com o Leicester City para a transferência do jogador chinês-britânico Frank Soo, excelente médio lateral da equipa nacional de Inglaterra.

Em Setembro de 1945, Soo deixara o Stoke City por 5 mil libras e ingressara no Leicester.

♦ O Watford F. C. contratou para guarda-redes o jovem Tom Rigg, que na época finda esteve ligado ao Middlesbrough.

♦ Matthews recebeu de presente um cheque de 1.160 libras e uma salva de prata, produto da subscrição dos seus admiradores de North Staffs.

Os ganhos e perdas do futebol

UM dos clubes ingleses que melhor receita amontoou na época finda foi, sem dúvida, Everton. O balancete final demonstra um lucro de 21.557 libras, apesar de ter pago ao Estado cerca de 37.303 libras de taxa!

O mesmo não pôde dizer o Blackburn Rovers, que perdeu 1.869 libras na temporada de 1945-46!

CRICKET

O desafio entre a Índia e a Inglaterra

DURANTE três dias efectuou-se no clássico terreno de Lord's o desafio experimental do onze inglês contra os indianos, na presença de 71.300 espectadores.

No primeiro dia, os asiáticos obtiveram 200 corridas (runs) a favor e 135 contra. O trabalho de Paul Gibb e Joe Hardstaff conseguiu compensar um erro de Hammond, e Bedser bolou superiormente. Apesar disso, os jogadores indianos, comandados pelo Nawab de Patandi, obtiveram a mencionada vantagem.

No segundo dia, Hardstaff foi o herói da partida. Efectuou 205 corridas, e embora os indianos, por intermédio de Mankad e Mahomed, atacassem de continuo, a Inglaterra superou os seus adversários por 66 corridas, faltando jogar ainda 6 «estacas» (wickets). No último dia do desafio os britânicos concluíram o match brilhantemente, apesar do corajoso trabalho dos jogadores indianos, e arrancaram a vitória.

O próximo desafio realiza-se entre a Inglaterra e a Austrália.

Há resposta para tudo...

P. 404 — Szabo, médio-centro do Famalicão, se fosse português, não seria (ou pelo menos não merecia ser) convocado para a Seleção Nacional? Creio que é dos melhores médios-centros que jogam em Portugal no ponto de vista técnico.

P. 405 — O trio avançado do Famalicão não será superior ao do Olhanense? A qual trio se compara?

P. 406 — Sansão, guardião do mesmo grupo, não tem possibilidade de vir a ser um guarda-redes de grande classe? E Armando, defesa direita? (De Um adepto ferrenho do Famalicão, Instituto Nun'Alvares).

R. 404 — Szabo foi um excelente jogador. Ainda hoje sabe o que faz em campo. Actualmente há melhor.

R. 405 — Prefiro o do Olhanense.

R. 406 — Tanto um como outro têm futuro. São rapazes com muita habilidade.

P. 407 — Quem tem melhor remate: Araújo ou Alberto Gomes? (De João Queirós).

R. 407 — Actualmente, Araújo. Nos tempos passados, o dr. Alberto Gomes colou-se como excelente rematador.

P. 408 — Qual o melhor: Salvador, do Olhanense, ou Caiado, do Boavista? (De um adepto do Porto).

R. 408 — Caiado acaba de fazer uma grande exibição. É um jogador de largo futuro.

CORRE QUE...

A nova Comissão Administrativa da Federação de Futebol apenas será nomeada para a próxima época, mas é possível que se realizem eleições.

♦♦ Também será remodelada nessa altura a Comissão Central de Árbitros, falando-se na continuação de Jorge Vieira para o melancólico cargo.

♦♦ Vários clubes, e dos mais importantes, têm manifestado ao Seleccionador Nacional o apreço pela sua obra e actividade.

♦♦ Têm sido feitas várias propostas a António Feliciano, defesa do Belenenses, para mudança de clube.

♦♦ Apesar disso, António Feliciano continuará a sua carreira de jogador no Belenenses.

♦♦ Também foi sondado, a respeito de mudança de clube, o jogador M. Esano, do Elvas.

♦♦ Algumas Associações Distritais estudam a sério o problema da continuação ou eliminação dos campeonatos distritais.

Do Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

4 ASSUNTOS

Coisas de Espanha

1 Pois é verdade! José Maria Mateos, antigo seleccionador de Espanha e actualmente seu dirigente, esteve em Lisboa a presenciar o desfecho entre portugueses e irlandeses. À primeira vista, trata-se de coisa mais natural deste mundo. Sabem, no entanto, os nossos prezados leitores o que veio fazer a Portugal, propositadamente, o conhecido Mateos? Ver jogar os portugueses? Apreciar o jogo irlandês? — Nada disso. Mateos deslocou-se a Lisboa com a incumbência especial de apreciar o arbitragem. Vê-se, assim, deste modo, como foi cuidadosamente posto o Espanhola-Irlanda, nada se deixando ao acaso, no vizinho país, para se verificar aquilo que, na verdade, não chegou a verificar-se...

Como comentário, dizemos apenas que o suíço Warburg continuou a afirmar a sua capacidade arbitral no Estádio Metropolitano, contribuindo, no final, para o empate — que os espanhóis não conseguiram!

2 Também se deslocaram a Lisboa duas outras conhecidas figuras espanholas: Luís Passarin, seleccionador nacional, e Pedro Escartín, considerado juiz de campo internacional e jornalista da especialidade.

É nosso convencimento de que a viagem destes homens a Lisboa contribuiu para a derrota espanhola no Estádio Metropolitano. Dando provas de má observação (os irlandeses demonstraram no desfecho contra o nosso país que sabiam de futebol e jogar futebol!), os dois técnicos retiraram-se para Espanha convencidos de uma vitória fácil sobre a Irlanda. Uma vez chegados a Madrid, tanto o Seleccionador, embora mais cautelosamente, como o árbitro e jornalista, este mais à clareza, não esconderam o seu pensamento. Abriam-no antes de par em par, criando um estado colectivo de certeza e facilidade de triunfo. Quando Passarin viu no campo do Metropolitano o seu erro, já era tarde. A desorientação apoderara-se de todos: do seleccionador, dos jogadores e do público. Não havia cabeça para suspender e modificar a tática de ataque com que a equipa de Espanha entrara, decidida, no Estádio!

3 Os campeonatos, distritais e nacionais, de juniores, representam uma das melhores iniciativas do futebol português nos últimos tempos, e pena é que a idade dos jogadores não seja um pouco mais elástica. Sem dúvida, porém, tais campeonatos estão a servir manifestamente o jogo, despertando a atenção das gerações novas, criando jogadores e servindo de estímulo para o aperfeiçoamento daqueles que começam a praticar o *association*.

Para os treinadores também a tarefa tem qualquer coisa que os empolga. Dizte-nos há pouco o dr. Abrantes Mendes, cujo *team* se classificou brilhantemente campeão nacional, que era em seu entender bem mais profícuo e agradável moldar a massa jovem (ver nacer, desenvolver e aperfeiçoar-se um jogador!) do que tratar de jogadores já feitos.

Quem estas linhas escreve, em conversas com Cabot e outros, teve oportunidade de se referir há poucos dias, em Madrid, à iniciativa dos juniores, verificando o interesse dos espanhóis pela ideia. Começamos a aperfeiçoar-nos tanto no futebol em campo como na organização, e como temos copiado algumas coisas dos espanhóis, chegou agora a vez dos papéis se invertirem!

4 Dentro de poucas semanas vai realizar-se no Luxemburgo o primeiro Congresso da Federação Internacional de Futebol, e todos os países se apressam para uma representação condigna de modo a marcarem a sua posição, defendendo ao mesmo tempo os seus interesses. Por todas as razões, e ainda pelo recente ingresso dos países que constituem a comunidade britânica, o Congresso do Luxemburgo ficará como um acto verdadeiramente histórico na vida internacional do futebol.

É no ambiente do Congresso, propício à boa camaradagem, que muitos desafios internacionais se devem concertar, cuidando-se ainda, especialmente, nesse reunião, do campeonato mundial. O assunto que, só por si, justificaria o Congresso de Luxemburgo e o cuidado posto pelos vários países na sua representação.

A Espanha comparecerá quase em massa no Luxemburgo, e infelizmente para ela não pode apresentar-se com o prestígio de qualquer vitória internacional. O nosso caso é diferente. Iremos por certo ao Congresso fortemente apoiados em triunfos que colocam o futebol português em nível elevado. Julgamos que a circunstância de se manterem em actividade, actualmente, apenas dois dirigentes, não será impeditiva da comparação portuguesa no Luxemburgo. Julgamos e desejamo-lo.

Deu-se uma profunda transformação na Federação Espanhola de Futebol. Para os cargos directivos entrou a camada de dirigentes antigos que, nos últimos tempos, estavam arredados.

Sanchez Ocaña foi substituído por Ricardo Cabot no cargo de secretário geral. E lá vemos hoje nomes como Garcia Duran e José Maria Mateos.

Como consequência, também apareceram as caras antigas nas Federações Regionais.

A Federação Espanhola de Futebol tem a aspiração de fazer eleger para a FIFA, no próximo Congresso de Luxemburgo, um seu representante, e nessa hipótese a escolha recairia em Garcia Duran. Trata-se de um nome bem conhecido nos meios internacionais do futebol, mas apesar disso a referida eleição deve ser muito difícil, senão impossível.

A Federação Espanhola dividiu as tarefas que compete a cada um dos seus membros. José Maria Mateos, por exemplo, ficou com as viagens. Vamos com Deus! Foi talvez o mais bem servido.

Os dirigentes do futebol espanhol ardem em desejos de realarem as relações internacionais com os ingleses. De Londres veio há pouco Ricardo Cabot, e para lá seguirá brevemente José Maria Mateos.

Tendo os ingleses ingressado na Federação Internacional, o realamento apresenta-se talvez menos difícil. Mas as dificuldades ainda são muitas.

Os espanhóis contam apreciar uma possível viagem dos ingleses a Lisboa para retomarem o fio dos jogos entre a Espanha e a Inglaterra.

O Estádio Metropolitano, de Madrid, do Atlético Aviación, vai sofrer beneficiações no sentido de albergar mais público. Por toda a parte regista-se o mesmo fenómeno: os campos são insuficientes em virtude de a afecção engrossar a olhos vistos.

Mas o novo campo de Chamartín, para o qual o Real de Madrid conseguiu um total de vinte e cinco milhões de pesetas, é qualquer coisa que honra a capital de Espanha. Está quase concluído, e a sua moderna concepção deixa-nos surpreendidos. O campo do jogo, propriamente dito, quase com as medidas máximas, também está a ser objecto de especiais cuidados.

Lá para Novembro, a nova relva de Chamartín começará a sentir o tormento dos pilons!



O capitão do Sporting, Alvaro Cardoso, do alto da tribuna, mostra a taça aos seus adeptos



O sr. Comandante Américo Tomás, Ministro da Marinha, tendo perto de si o sr. Director Geral dos Desportos, entrega a «Taça de Portugal» a A. Cardoso



Uma antecipação de Cardoso

A Taça de PORTUGAL foi ganha pelo SPORTING



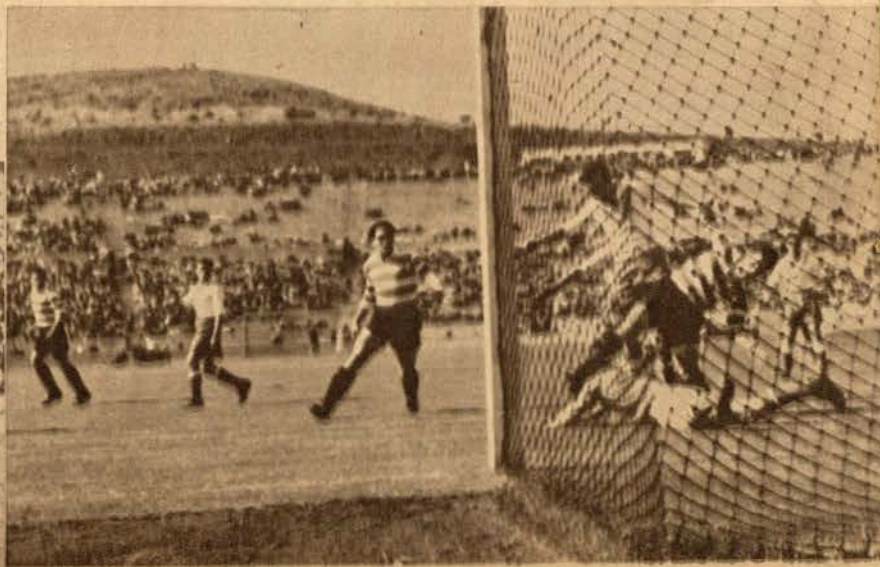
Gregório não consegue bater Cardoso



Uma avançada de Manuel da Costa



Peyroteo, um perigo permanente, remata com a sua habitual violência



Há grande confusão junto das redes de Correia. Sídónio procura fazer tento, mas não o consegue. Ao fundo Peyroteo



0
FOSFOROS
 voltou à
 1.^a
 DIVISÃO

1 — O grupo do Fosforos, que voltou à 1.^a Divisão da A. F. L.
 2 — Uma defesa do guarda-redes estorilense. 3 — Uma intervenção de Fernando. 4 — Nova intervenção do «keeper» do Estoril.



Um mergulho arrojado de Azevedo, aos pés de Marques



Peyroteo e Marques dançam entre três alcantarenses...

Azevedo é sempre um homem seguro. C4 o temos em acção

Comentários

Conclusões indirectas

QUANDO no Estádio do Jamor a equipa representativa da França foi vencida pelos nossos internacionais, uma forte corrente da crítica não hesitou em afirmar que a vitória pouco significava, pois os adversários haviam demonstrado fraca qualidade técnica; sucedeu, porém, que quinze dias depois os mesmos franceses bateram a Inglaterra... e os técnicos engoliram em seco.

A Irlanda mandou-nos depois o seu grupo representativo, sobre o qual o onze português alcançou novo triunfo: não por qualidade de jogo, vollaram a afirmar os críticos, mas sim por circunstâncias fortuitas. Parafaseando o que, com espírito e feliz observação, escreveu um colega, linhamos passado, perante esses apreciadores, da antiga situação de «derrotados mas moralmente vencedores», para uma outra, muito curiosa, de vencedores mas moralmente derrotados.

Ora oito dias volvidos, os mesmíssimos jogadores irlandeses foram a Madrid defrontar o grupo representativo da Espanha, acerca do qual diziam os entendidos da nação vizinha que dispunha da melhor linha de ataque de todos os tempos e que repre-

sentava legitimamente o melhor futebol do continente europeu.

Conclusão: derrota espanhola, com um zero no activo da tão famosa linha atacante.

Os técnicos espanhóis — é láo aborrecido ser léonico, quando os acontecimentos invalidam as prosápias antecipadas — ficaram perplexos; e como não podiam ler-se enganado nos prognósticos (ou não fossem eles os técnicos!), feitos à base da inferioridade do nosso futebol em relação ao seu, vá de explicar que os irlandeses tinham jogado muito mais em Madrid do que em Lisboa. A «Hoja del Lunes» desculpava Martin e Zarra da sua incapacidade de acção, alegando que o médio-centro contrário — que mau! — os marcara de modo a anular-lhes quaisquer veleidades de jogo efectivo.

Para nós, que não somos técnicos, o argumento é difícil de assimilar (não nos digam que os irlandeses estranharam a reboa do Jamor) e coloca-nos ante um dilema: ou os irlandeses aprenderam a lição que lhes demos e aplicaram-na de seguida aos espanhóis — o que parece improvável —, ou então teremos que aceitar o velho axioma de que uma equipa joga aquilo que lhe consente jogar os adversários.

Seja como for, aproveitemos as conclusões favoráveis que o confronto permite; não tenhamos dúvidas de que, no caso contrário, os interessados não perde-

riam a oportunidade de apregoar os seus méritos.

E acabemos com uma pergunta: porque teria sido que o médio-centro desmancha-prazeres, que reduziu a nada os fenómenos Martin e Zarra, não conseguiu anular o nosso modesto Pegooteo?

Um problema muito grave

O nosso colega «Mundo Desportivo» referiu-se, já num dos seus passados números, à gravidade da situação criada aos organismos dirigentes dos desportos pobres com o formidável aumento de impostos aplicado agora a todas as organizações, em virtude de uma circular distribuída pelas Repartições de Finanças para aplicação do determinado numa lei que data de 1927, mas fora até agora interpretada mais favoravelmente.

Pela leitura da lei em questão, concluímos que os espectáculos desportivos de amadores são, de todos os espectáculos possíveis, aqueles onerados com maior imposto, 8% sobre a receita calculada à base de dois terços da lotação do recinto.

Aqui está o óbice determinante da gravidade do problema, tamanha gravidade que pode levar à falência das associações e fede-

rações da maioria dos desportos.

Nenhuma pode viver e desempenhar a sua missão sem as receitas eventuais das suas competições, e sucede agora que o imposto, calculado à base dum número de espectadores nunca atingido pela realidade, excederá na grande maioria dos casos a realidade da importância bruta recolhida nas bilheteiras.

Trata-se evidentemente de uma interpretação que peca pela sua absoluta generalização, nice-lando pelo plano mais alto; pôr a questão será, por certo, resolvida, pois os organismos desportivos portugueses possuem bastas e inequívocas provas da simpatia e do interesse que o Estado Novo consagra às suas actividades; o espírito de justiça e equidade que orienta toda a actual política nacionalista é para nós a garantia segura de uma solução satisfatória. É impossível prever todas as hipóteses numa determinação de ordem geral e só a experiência da aplicação fará surgir os possíveis inconvenientes.

Desportos como o atletismo, o andebol, o basquetebol ou o hóquei em patins, quando as suas organizações sejam marcadas para um grande recinto ao ar livre — suponhamos o Estádio Nacional ou, mesmo, os campos do Lumiar e das Salésias — só em casos excepcionalíssimos conseguirão encher os dois terços da lotação; normalmente, os espectadores não ultrapassam três ou quatro milhares, e por isso se compreende que um imposto, embora reduzido, calculado para uma multidão de trinta ou quarenta mil pessoas, se torne em pesado e incomportável tributo.

O problema precisa de ser revisto e reafirmamos a nossa confiança em que o seja pronto e favoravelmente.

EXPIRADO o prazo para a entrega das soluções dos últimos problemas, procedeu-se à contagem final da pontuação de cada concorrente. A soma dos pontos respectivos determinou a seguinte classificação:

- 1.º — ex-aequo — dr. Eleutério de Almeida, português, e Emílio Freixa, espanhol, 172 pts.
 - 3.º — Artur Pereira da Silva, português, 170 pts.
 - 4.º — José Calebra Riera, espanhol, 169 pts.
 - 5.º — José Gabriel Mariz Graça, português, 166 pts.
 - 6.º a 8.º ex-aequo — Esteban Espresate, espanhol, dr. Manuel Antunes e Raul Soares Nobre, portugueses, 165 pts.
 - 9.º a 11.º ex-aequo — Rui de Alarcão, A. Ferreira da Cunha e Luís Lima Crucho, de Coimbra, 163 pts.
 - 12.º — Fernando Rebório, Madrid, 162 pts.
 - 13.º — Newton Pereira, Lisboa, 142 pts.
 - 14.º — Engenheiro Rodrigues da Silva, Lisboa, 138 pts.
 - 15.º — Jorge Brea, Barcelona, 136 pts.
 - 16.º — J. Vergain, Lisboa, 130 pts.
 - 17.º — A. Louro Cortés, 41 pts.
- Concorreram ainda mais 28 solucionistas, mas, na sua maior parte, sem carácter de continuidade, limitando-se a enviarem-nos as soluções de determinados problemas, talvez aqueles

que despertavam maior interesse, quer pelo brilhantismo das chaves, quer pelo conteúdo estratégico.

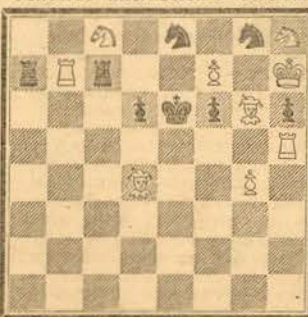
Queremos destacar, para estímulo dos «novos», a quem aconselhamos a persistirem, os nomes dos jovens amadores A. Louro Cortés e Pietro Gariggio. Muitos outros acompanharam a prova com regularidade durante os primeiros números, e alguns mesmo somente desistiram perto do «print» final, como Joaquín Gil, de Barcelona, Fernando Pratas de Almeida, Oscar Pires de Carvalho, Jaime Gastá, F. Abcassis Rezende e F. S. Carvalho Lima.

Ilustraram este torneio os mais destacados nomes dos solucionistas ibéricos. O dr. Eleutério de Almeida e Emílio Freixa tiveram comportamento magnífico. Ambos são elementos de grande valia, tendo já prestado provas da sua força como hábeis solucionistas. O primeiro é um dos compositores estreantes que apresentámos no nosso Concurso Temático. Emílio Freixa é um «novo» que na Solução e Com-

posição tem adiante de si um futuro brilhante, a avaliar pelas actuações precedentes. A. Pereira da Silva, campeão solucionista da Sepa, foi um valoroso 3.º classificado. Os 2 pontos que o separam dos vencedores perfazem uma diferença mínima, que o coloca no mesmo nível dos primeiros. O mesmo aplauso vai tam-

LEMA: FATIMA

Concurso Internacional Stadium



2 X

XADREZ

O dr. Eleutério de Almeida e Emílio Freixa

foram os vencedores do nosso Concurso de Soluções

bém para Calebra Riera, outro reconhecido valor do Problema espanhol. Mariz Graça, o jovem problemista conimbricense, que a «Stadium» «lançou» há uns três anos atrás, continua a dar boa conta de si, tendo já conquistado posição de relevo no nosso meio problemístico. O triplice empate dos últimos premiados reuniu no mesmo posto dois experimentados solucionistas — Espresate e Antunes — e um «novo» — Soares Nobre — outro estreante «lançado» nos nossos concursos!

Os oito primeiros classificados são atribuídos os seguintes prémios: Ao dr. E. Almeida e a E. Freixa — uma assinatura anual da «Stadium» e uma colecção de Problemas; a P. Silva — uma assinatura semestral e uma colecção de Problemas; a J. Calebra — o livro «Manual de Ajedrez» de Delaire; a Mariz Graça — o volume V — «Problemas» — do colecção Palazie e Lucena; a E. Espresate, M. Antunes e S. Nobre — colecções de Problemas do nosso Concurso Temático Internacional.

Vasco C. Santos

Stadium

O VALOR TÉCNICO do Ciclismo Espanhol



A marcha faz-se em «fila indiana», Ao corredor que não quis cooperar no comando das operações foi proibida a entrada na «bicha» e rola sobre o meu piso da estrada. É mais um adversário que terá de render-se

ANTES da última guerra havia na Europa duas escolas distintas de ciclismo de competição, que possuíam estilos próprios e características absolutamente diferentes. Uma era a escola francesa, criada entre 1912 e 1924 pelos grandes campeões Lapize, Lavoine, Cornez e irmãos Henrique e Francisco Pelissier, e depois aperfeiçoada pelos estilistas H. Magne, Speicher, Ledacq e Carlos Pelissier. Outra, a italiana, imposta, nos seus tempos áureos, por Binda e seguidamente adoptada pelo grande Girardengo, Guerra, e até pelo próprio Bartoli.

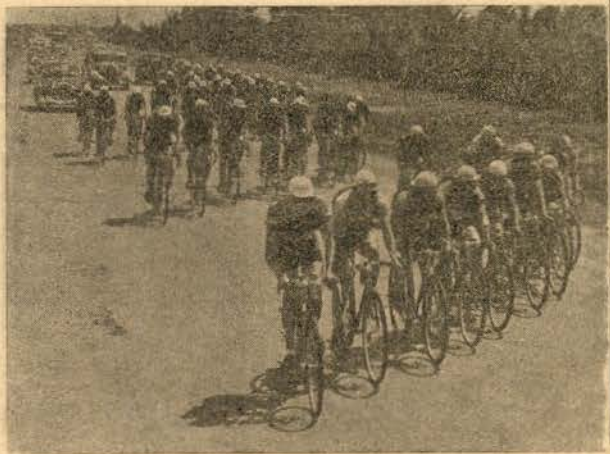
A maneira de correr dos italianos, com partidas lentas, e o desmembramento dos pelotões feito à força das marchas uniformes e muito «duras», perante as quais os componentes das diversas equipas «trabalhavam» para o seu chefe de fila — quase sempre um «championíssimo» de nomeada — só foi adoptada pelos alemães, estes sem relutância e de forma convincente, e por mais alguns países. A escola francesa, essa divulgou-se em quase todos os restantes países da Europa Central e especialmente na Bélgica, Luxemburgo e até na própria Holanda.

Os espanhóis, que viram o ciclismo tomar notável incremento logo que Canardó pôde mostrar a sua classe do outro lado dos Pireneus e sobretudo quando Vicente Trueba se impôs como esgalador excepcional na Volta a França, adoptaram, já pelo temperamento combativo dos seus corredores, já também por ser dell que lhe vinham os melhores ensinamentos, a escola francesa. Assim o verificámos em 1933, quando corremos na Galiza — época em que os espanhóis já usavam os selins bastante recuados, quadros de lançamento muito de pé e guidadores estreitos e fardos.

Tivemos nova oportunidade de observar esse facto quando, seis anos mais tarde, vimos correr «nuestros hermanos» em Castela e em Portugal, e agora, neste convívio de um mês, com dirigentes e corredores, obtivemos ampla confirmação desse facto.

Os espanhóis tem o seu ciclismo ordenado nos moldes dos franceses, com um desenvolvido sector comercial a apoiar a mo-

dalidade e a permitir-lhe a sua expansão. Correm à francesa, sem favoritos designados antecipadamente, mas sempre dispostos a sacrificar-se pelo homem que por méritos próprios venha a evidenciar-se no decorrer das provas. Dispõem-se sempre a lutar até final das suas forças, para justificarem os ordenados que afixarem ou com o fito de mostrarem qualidades que lhes tornem possível o ingresso nas grandes equipas. Adoptam a tática de insistirem nas lutas, tentadas com ataques sucessivos e bruscos e, adquirida qualquer vantagem, sempre que isso não prejudique «leaders» ou compa-



Um grupo de corredores ediantou-se e está já a pedalar em formação obliqua, defendendo-se do vento. Dois corredores que convinha «descolar» foram postos fora da formação e estão prestos a ser «absorvidos» pelo grupo de reloguarda. É assim que se eliminam os adversários.

nheiros de equipas, nunca voltam a cara ao comando da marcha, nessas lutas ou em necessárias perseguições.

Apenas se nota nos corredores espanhóis, em relação aos franceses, uma menos perfeita maneira de pedalar e montar. Também se nota, em certo sector de estradistas, o uso de excitantes durante as provas — uso que já focámos em crónica antecedente e que sabemos ter agora provocado a reacção da crítica espanhola. Nestes três pormenores — estilo, perfeição na forma de montar e uso de estupefacientes — os portugueses, os de classe, fixe-se, estão num plano bastante superior aos dos nossos vizinhos, onde actualmente só possuem posição técnica perfeita o grande Berrendero, Carretero, Langarica, mas estes com de-

feitos no pedalar, e poucos mais.

Todavia, no conjunto do trabalho a executar na estrada, os corredores nacionais, excluindo Rebelo, Loarenço e Eduardo Lopes, perfeitos em quase tudo que fazem, são sem dúvida tecnicamente inferiores e têm muito que aprender.

Foi flagrante a dificuldade experimentada por Manuel Rocha, Jorge Pereira e Aristides para se manterem integrados e «colados» nas «formações» de enca ou de «luga». A primeira ou segunda renição, os nossos compatriotas eram ladeados e ficavam sem espaço para seguir na «fila indiana» ou no

inferiorizá-los pouco antes das chegadas. Primeiro, o homem mais rápido, colado à frente do adversário visado, atressa-se proposadamente para depois embalar forte a fim de o «descolar». Se esta tática não dá resultado, optam pela série de «estíções» sucessivas, cada um feito por seu corredor, que obriga o «sprinter» a saltitar de roda em roda, num trabalho fatigante de «recolagens», que arrasa o mais forte. Ao quarto ou quinto ataque o «sprinter» renuncia, e então o adversário que lhe segue na roda adianta-se sem perigo, integra-se no pelotão dos companheiros, para ganhar quase sem luta.

Há ainda a embalagem iniciada a grande distância da meta, uma marcha veloz imposta por quatro ou cinco «roladores», que reduz ao mínimo as facilidades dos homens rápidos, que nem sequer por vezes chegam a «sprinter». Cortam o risco da chegada no «passo» em que se guiam, já sem forças para se levantarem do selim e embolarem a máquina.

Délio Rodríguez, por exemplo, que não é um «sprinter» na verdadeira acepção da palavra, pois embora pedalandando sentado, e em «daro» trabalho de coxas, ganha a maioria das etapas, utilizando, ou, por outra, mandando os seus companheiros utilizar esta última tática.

Bons «roladores», com conhecimento quase perfeito das suas reais possibilidades e animados sempre com forte desejo de cooperar com os companheiros de equipas, a maioria dos espanhóis fazem por vezes extraordinárias provas de conjunto. Um pelotão que se forme depois de um ataque difícilmente se desmembra antes da meta, porque os corredores sabem «solgar» e «agarrar-se» com um brio pouco vulgar.

Ainda temos bem presente na retina aquela formidável luga a caminho de Cáceres, onde sete homens, apesar de levarem já mais de 15 minutos de vantagem sobre quem os perseguiu, pedallavam com um vigor e rendiam-se em formação obliqua com tal perfeição que nos deixava embevecidos. Estes e outros momentos da grande prova só por si chegariam para justificar a necessidade que há em se insistir nas deslocações de estradistas portugueses a Espanha, porque embora a velocidade neste país ainda não atingisse o nível técnico do da França, possui todavia um valor com o qual nós muito podemos aprender.

Gil Moreira

NO CAMPO PEQUENO

A CORRIDA

ESTA corrida, com um estrangeiro apenas, resolve, graças à presença de dois novilheiros portugueses, o problema nacional que aqui puzemos, ainda que não satisfaça os que exigem apresentação de dois cavaleiros, como o sr. dr. Emilio Infante da Camara que nos pede para publicarmos que não voltará a dar touros para corridas em que não figurem dois representantes do toureiro equestre português. O caso é que o cartaz assim não está mal organizado, e que o publico correspondeu regularmente. Augusto Gomes, que já conseguiu defrontar as responsabilidades de Madrid, ao levar a farpa a Fernando Salgueiro que começa bem, com uma «tira» ao 1.º dos Irmãos Oliveira, mas logo se ia chapando com o cavalo que ainda se foi abalxo dos quartos trazeiros e assim resultou tocado pelo touro.

Outra farpa, aplandida, e um curto, também aplaudido, e outro, «Manuel dos Santos, que reaparece «inteligente» manda tocar.

Sai um touro, com cara de touro bem armado. Dobra bem na capa de «Madrileño» e Manuel Navarro não consegue luzir-se com a sua, que o da sua investe mal pelo lado direito, que Navarro percebeu, e Augusto Gomes também, e Vizeu que tempera pelo lado bom. Palmas. Bandarilhado por Moreira e Gloria que vencem as dificuldades com vista, passa as mãos de Navarro que lhe dá o que o touro pede, tres passes pelo lado esquerdo. Tenta depois corrigi-lo pelo lado direito, mas desiste, forçadamente, apelando aos «parones» e a um «molinete».

Sem lhe perder a cara, e confirmando ser bom novilheiro, adorna-se, e entra a matar como pode! Palmas, em vista das dificuldades que o touro apresentava. E até para recolher é difícil o touro que tem de ser laçado. E Navarro ouve mais palmas. E sai outro, largo de astos também, o que também investe mal para a capa de Augusto Gomes, e para a de Vizeu, e que ia coihendo Navarro que quis fazer mais que os portugueses.

Gomes oferece as bandarilhas a Vizeu que sai por diante e faz uma saída em falso e depois cravavam grande par, com seu bom estilo. Gomes «quebra» no meio da praça, com vista e aguentando, e repete bem ao quartelo. Palmas. Gomes brinda ao publico. Procópio, que tem brgado bem, tenta compor o touro que sai da muleta de Augusto que o dobra e o convence a alguns ajudados, e dá seu «molinete».

Palmas. Tres «manoletinas» e depois de «piton a piton», apoderando-se do touro e merecendo palmas, simula a morte, e dá duas voltas à arena, e recolhe ramos de flores e charutos de que partilha Procópio.

Outro touro, negro como os anteriores, e Vizeu lancia bem, e não perde a calma quando a capa lhe vai nas hastes, quando o Oliveira vai por ele. Navarro pára-se e bem, e remata com «média». Palmas. Gomes intervem por «Chicuelinas». Vizeu retribue, oferecendo as bandarilhas a Gomes que entra agora por diante e volta a quebrar bem no meio da arena. Palmas. Vizeu crava meio par que vale por dois, e repete com um inteiro, intetrisimo. Palmas.

E ainda outro, enorme. Muitas palmas. Ems «muleta» começa Vizeu por ajudados por batro, parando alguns, va-

lente e tenta o natural, e liga alguns. Palmas. Dois «molinetes» graciosos. Palmas. Simula a morte.

Após o portuguesissimo intervalo, volta a aparecer o cavaleiro Salgueiro que se deixa perseguir por touro bravo que não aproveita e que acaba por colher o cavalo por culpa do cavaleiro, ou dum peão. Tres farpas, um curto apertado, e aplaudido, outro, e o cavaleiro retira e Gomes aproveita o touro para alguns «muletazos». Palmas.

Um batalhão arranja a arena, e sai outro negro que Navarro não convence a investir, e Gomes sim, apertando-se bem. Palmas. Vizeu lancia de frente, por detrás, valente. Muitas palmas. Um bom par de Gloria, e regular da Moreira, e Gloria pedra, valente.

Navarro «muleta» parado e erguido, toureiro. Palmas. «Madrilenos» intervem, e Navarro continua bem, atropelando um pouco, mas recompondo-se e toureando bem em redondo o «Mirando atendido» entusiasma o publico que o aplaude no final. O touro foi o melhor que até agora saiu, e o toureiro esteve voluntarioso. Volta à arena, com os dois portugueses e com um dos Irmãos Oliveiras.

Outro touro, ou novillo fino como o anterior, e Gomes dá duas boas «Verónicas», rematados com «média». Palmas. Depois de frente por detrás, valente. Mais palmas.

Vizeu dá um farol e tres lances bons, paradissimo. Palmas. Navarro dá um bom lance sae comprometido, e Procópio «quita» oportuno. Palmas. Gomes bandarilha só, e soa a música. Insiste em citar ao «quebro», mas acaba por cravar ao quartelo. Volta a insistir no «quebro» noutros terrenos, e crava bem. Palmas. Outro par ao quartelo. Brinda a Procópio e começa por ajudados por alto, quisto e aguentando a investida. Em redondo, continua valente. Tenta o natural. Palmas. Mais com a direita. Palmas. «Manoletinas». E muitas palmas quando ajoelha.

Simula, entrando bem. Volta à arena, com o brindado Procópio. E sai o último, e Vizeu não o consegue parar, e Navarro não o consegue em dois lances, não tendo Gomes melhor sorte. Vizeu, também com música, e só na arena, crava um par monumental, de poder a poder. Ovação. Outro par extraordinário, saindo das taboas e ganhando bem a cara. Ovação. Uma grande saída em falso e outro par, dos melhores que temos visto em já longa vida de «flicionados», e todos aplaudem de pé, em apoteose.

Começa Diamantino com seis ajudados por alto dignos de «Manoleta». Ovação. Tres naturais, tres em redondo, uma arancada sem perder a cara. Dois «rodillazos», e leva o bravo touro ao meio da arena para continuar parado e erguido, e mandando. Perde a «muleta», que não a calma. Prolonga-se a falna, e o touro apaga-se, mas não o entusiasmo do publico que neste touro compreendeu que temos um grande toureiro, Diamantino Vizeu.

JUIZO CRÍTICO

Os Irmãos Oliveira deram dois bons touros de cavalo, superior o segundo, e seis de tamanho superior ao normal para os «destros» finos e bravos os tres últimos.

Fernando Salgueiro, que o «inteligente» Manuel dos Santos nos informa ter saído da cama para tourear, não esteve afortunado.

Manuel Navarro confirmou a sua posição de novilheiro «puntero», intrado, valente, com bom tipo, e deixou boa impressão, e o desejo de o tornar a ver.

Augusto Gomes, que sabe tourear — o que não é pouco, como disse o antigo «espada» Torquito em «Arriba» — e que está valente, e tem pundonor, bandarilha bem, ao «quebro» e ao quartelo, e usou bem da «muleta», muito bem até. Diamantino Vizeu bandarilha como é raro ver-se.

EL TERRIBLE PEREZ



Augusto Gomes conseguiu chegar à Monumental de Madrid, e estar bem em novillos difíceis e ante um publico difícil. Bandarilha ao «quebro», como se vê na fotografia que publicamos, e toureou com a «muleta», como na outra fotografia se vê, valente e sabedor, porque Augusto Gomes, sabe tourear, o que é muito importante, como disse Torquito



Muitas vezes se têm telegramas de que o «espada» foi sacado em ombros e passeado assim pelas ruas, mas nem sempre isto corresponde à realidade. A fotografia que publicamos demonstra que, de facto, Diamantino Vizeu saiu em ombros da famosa «Plaza de la Maestranza» de Sevilla, a que tem o mais intelligente dos publicos, e assim foi passeado pelas ruas da cidade dos toureiros

As entidades oficiais que assistiram à prova



A entrega da taça de ouro pelo sr. Sub-Secretário de Estado da Guerra, ao capitão Pimenta da Gama.

A CAVALARIA PORTUGUESA Conquistou a TAÇA de OURO da Península



O comandante Monteiro, no «Tarifa»



Um salto do «Xerez» do capitão Pimenta da Gama



O major Helder Martins no «Optus»



O capitão Noqueiras no «Ranchero»



O capitão José Carvalho salta no «Zuaris»



O cavalo «Reina» salta dirigido pelo comandante Cordovás



O «Sados», num salto, montado pelo tenente Alven Pereira



O tenente-coronel Navarro, no «Quorum»

A vitória que os cavaleiros portugueses acabam de alcançar na disputa da «Taça de Ouro da Península», em luta com uma das mais fortes equipas que a Espanha tem constituído para o importante trofeu, é daquelas que honram o hipismo nacional não só pelo brilho com que os nossos representantes actuaram, como ainda porque a prova se nos deparava cheia de dificuldades, atendendo à pouca preparação dos nossos cavalos em relação aos espanhóis.

Enquanto estes disputavam o sexto concurso do ano, dois dos nossos entravam no primeiro certame da época, factor que trás ainda maior valor à vitória que o público descrente soube premiar com fartos e prolongados aplausos.

A descrença de muita gente e a nossa também — devemos confessá-lo — não significava falta de confiança nos quatro cavaleiros indicados pelo major Ivens Ferraz para disputarem a mais importante prova colectiva que se realiza entre concursistas militares dos dois países. Todos eles nos deram já sobejas provas das suas magníficas qualidades. O único motivo de dúvidas provinha do facto de se conhecer a superioridade dos cavalos que a equipa espanhola apresentava para a luta, inferioridade esta que lhe dava extraordinária vantagem.

Só raros previam uma vitória portuguesa, mas entre estes figurava o major Ivens Ferraz, o seleccionador da equipa, que apesar de reconhecer o desnível de valor das montadas, contava em absoluto com um triunfo que viria a ser o quinto consecutivo.

Não se enganou, porque, apesar da dificuldade da luta — pode dizer-se que a vitória esteve indecisa até ao penúltimo cavalo português — a equipa que ele nomeara soube afirmar-se tecnicamente superior à adversária, eliminando assim a desvantagem já apontada.

Enquanto que os nossos concursistas conduziram os seus cavalos com lentidão para conseguir percursos sem faltas, os espanhóis lançaram os seus animais em velocidade, não porque pretendessem melhores tempos mas por que só assim poderiam ser conduzidos.

Uma excepção para o tenente-coronel Navarro, que montou o magnífico «Quorum» com imenso cuidado, conseguindo por isso mesmo os dois únicos percursos «limpos» da sua equipa.

Tres dos nossos cavaleiros — Helder Martins, Pimenta da Gama e José Carvahosa, que conduziram «Optus», «Xerez» e «Zuaris», tiraram deles o máximo das suas possibilidades pondo em evidência as suas qualidades de concursistas. Conseguiram tres percursos limpos, um para cada um, enquanto que Alves Pereira, menos afortunado porque o «Sados» não correspondeu naquele dia ao brilho com que se apresentara nas primeiras provas do Concurso, não desmanchou todavia o conjunto.

É certo que a vantagem foi curta — um derrube apenas — mas se por um lado se verifica que os cavalos espanhóis derubaram mais do que se esperava, também os nossos poderiam ter feito melhor resultado se os tivesse bafejado uma rajada de sorte. Não esqueçamos que houve pelo menos dois toques de pura infelicidade.

Mais uma vitória para Portugal na «Taça de Ouro da Península» — a 5.ª que se disputa — e na qual já contamos dois triunfos seguidos (1945 e 1946).

Com ele nos veio a certeza de que podemos e devemos continuar a contar com o prestígio dos nossos cavaleiros tantas vezes demonstrado no país e além fronteiras.

Stadium

na Capital do Noite

MOSAICOS

nortenhos...

O VIGOROSA conquistou o campeonato regional, em andebol, batendo o F. C. P. num jogo que foi anulado, primeiro, homologado depois, e... anulado novamente.

Enfim, o jogo repeliu-se. O andebol não passa sem a sua história, na época presente, que se fará mais tarde ou mais cedo.

Por agora, resta-nos cumprimentar o Vigorosa. Venceu.

♦ ARTUR DE SOUSA — sempre promove a sua festa de despedida no dia 7 do mês corrente. Virão de Lisboa, em selecção, segundo se diz, Azevedo, Cardoso e Peyroteo; Francisco Ferreira, Rogério e Espírito Santo; Feliciano, Amaro e José Pedro.

O famoso jogador confia no seu público. Tem a certeza de que ele não faltará, a fim de assistir aos pontapés de despedida.

Oxalá assim suceda.

♦ NAS ÚLTIMAS provas velocipédicas, o par da Iluminante ganhou na pista do Lima. Boa vitória, sem dúvida alguma. Não se vence facilmente um grupo composto por Fernando Moreira e Onofre Tavares, os dois campeões do F. C. do Porto.

♦ ANTÓNIO TENDER, lançador do F. C. do Porto, campeão universitário e nacional de juniores, recordista da categoria, é uma verdadeira promessa. Arnaldo Borges, seu orientador técnico, conhece de seu ofício, e confia no futuro do jovem atleta do F. C. do Porto. E com razão!

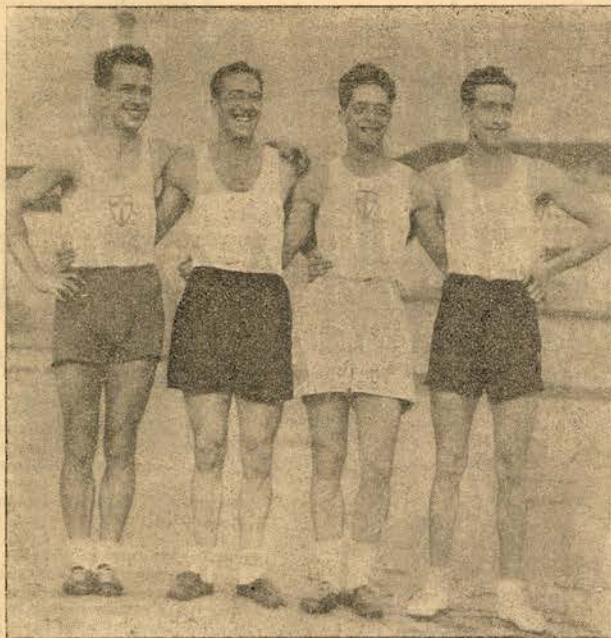
♦ NÃO correspondeu à expectativa e parada de desportistas promovida no dia 24 de Junho. Uma pobreza franciscana, organização modesta. Concorrência modesta. Pouco entusiasmo...

Não sabemos se houve razão para tanto. O que se viu é que não se fez, e é bom estudar os motivos. Descontentamento? Às vezes não será nada mau conhecer a origem destes fracassos. O Porto, no campo desportivo, tem por certo os seus direitos, a sua sensibilidade, e não é justo que o esqueça quem pode...

Compreendido?

♦ ENTREGARÁ a Câmara Municipal do Porto, a Artur de Sousa, a «Medalha da cidade»? Nada mais justo se tal acontecer.

♦ PRINCIPIARÁ brevemente o campeonato regional de hoquei em patins. Comparecerá novamente o F. C. do Porto. Nova tentativa. O seu grupo é novo, e por certo lhe estarão reservadas derrotas. Paciência. Um clube desportivo não vive só para ganhar. Seria bom que o compreendessem todos — público, críticos e adversários.



OUTROS TEMPOS...

O atletismo portuense tinha nesta altura extraordinário valor. Uma cidade que alinhava, em 4 x 100, um grupo formado por Fernando e José Prata de Lima, Mário Porto e António Sarsfield — possuía alta categoria na modalidade!

Depois, não se sabe bem porquê, os portuenses perderam a velocidade adquirida. Não apareceram muitos elementos novos, talvez por descuido na preparação de juniores, e hoje poucos seniores podem disputar «taco a taco» provas com Lisboa. Uma excepção honrosa: Sampaio Peixoto.

Trabalha-se agora, e felizmente, em profundidade. O F. C. do Porto e o Académico, em primeiro lugar, seguidos por Braga, procuram esforçadamente o prestígio que lhes fugiu há épocas, e sabemos que a sua preocupação principal é apenas uma: — olhar pela gente nova. Honra lhes seja.

Entretanto, recordemos algumas figuras de outros tempos. Na gravura deste artigo podem ver-se quatro atletas dos mais prestigiosos, da direita: dr. Fernando Prata, do Académico, António Sarsfield, do Sport, José Prata de Lima, do Académico, e Mário Porto, do Sport.

Bons tempos. Oxalá regressem — que bem o merece a bela modalidade, tanto do agrado dos desportistas portuenses.

ACTUALIDADES...

ADVINHAVAMOS isto mesmo: — tanto esticaram a corda, tantas coisas fizeram, que acabaram por escangalhar o trabalho de muitos anos. O F. C. do Porto, campeão nacional durante 7 épocas consecutivas, mal tratado por altitudes de vária ordem, ferido sem sombra de dúvida por umas pessoas que se ocupam apenas das suas ambições pessoais, — acaba de abandonar o torneio máximo.

Não diremos aqui se fez bem ou mal. Apontemos apenas que o popular clube portuense não tem recebido de muita gente com responsabilidades o apoio que merece, e por isso se mostra disposto a

demonstrar o seu desgosto pela série de «parlidas» que o alvejaram.

Consta ainda no Porto, onde a sua popularidade não tem limites, que os campeões abandonarão de vez o prático do andebol, um desporto que custou a criar raízes mas que malévola mente se perturba com atritos de toda a ordem.

Por enquanto, não se descobre a gravidade desta atitude. Mas mais tarde se verá, a tornar-se definitiva, até que ponto se destruiu o trabalho de muitos anos.

Mas ficarão contentes aqueles que para isso contribuíram. E a história há-de fazer-se.

UM DIRIGENTE



Armando Gonçalves tem sido um batalhador. A natação portuense, a despeito do seu pronunciado merismo, tem merecido a melhor atenção do conhecido desportista e antigo professor de «jlu-juts».

Com outros desportistas, fundou há anos o Grupo de Propaganda da Natação, e viu-se que a modalidade recebeu um impulso de certo modo agradável. A nova colectividade interessou-se o mais que lhe foi possível, organizando provas, promovendo sessões de propaganda, publicando folhetos, os mais variados impressos, montando escolas no Rio de Mar — ensinando, ensinando sempre!

Nessa cruzada esteve sempre presente Armando Gonçalves. Pela palavra, principalmente, o conhecido dirigente deu provas do seu amor ao desporto e à natação.

Que Armando Gonçalves não tem propagado apenas um dos mais belos exercícios físicos. Ensinou «jlu-juts» e praticou-o. Quando o sr. coronel Namorado de Aguiar, já falecido, comandava a Polícia de Segurança Pública do Porto, foi escolhido para instruir, na difícil luta, os guardas daquela corporação.

Sobre a modalidade, escreveu Armando Gonçalves um livro cheio de belos ensinamentos. Desviada a sua atenção da luta, continuou a expandir, por todos os meios, os desportos do rio. Todavia, a despeito dos seus melhores esforços, o Porto não pôde ter ainda a sua piscina. Sem culpa para Armando Gonçalves, porém, que tem lutado entusiasticamente, pela pena e pela palavra.

Ficarão para a história da natação, pelo menos, os bons trabalhos de Armando Gonçalves, um desportista digno deste nome.

Lamentem-se apenas que não existem dúzias de vontades como a de Armando Gonçalves.

AS CORRIDAS

do Campo de Ourique

○ Clube Atlético Campo de Ourique, essa simpática e progressiva colectividade a quem o ciclismo bastante deve — quer como entidade organizadora, quer como importante elímbre de verdadeiros campeões — animada pelo desejo de voltar a interessar-se pela velocidade, promoveu no domingo duas interessantes provas, uma destinada a iniciados, outra a amadores sem distinção de categorias.

Certamente no intuito de valorizar as competições sob o aspecto atlético, escolheram-se percursos excessivamente difíceis, sobretudo o utilizado para os iniciados, o qual, além de possuir distância que excede em muito o que está regulamentado, era ainda de molde a não criar estímulo entre os concorrentes — pormenor sempre de atender para quem principia — antes pelo contrário, desencorajando-os a ponto de lhes faltar toda a vontade de prosseguirem na prática duma modalidade já de si algo violenta.

Aparte este facto — que no futuro deve merecer a melhor atenção por parte dos organizadores e até da própria Associação, a quem compete «guiar» os promotores das provas, sobretudo nos pormenores de carácter técnico, as corridas do Caco agradaram e tiveram cuidada organização.

Herculano Constantino, que devia ter feito a sua última corrida em iniciados, obteve a terceira vitória consecutiva, ganhando bem a prova do seu clube.

Humberto Cunha, do Benfica, Soares Gonçalves, do Sporting, Fernando Simões e Manuel Francisco, ambos do Sanaquinhos, toda gente revelada na última corrida do S. L. B., classificaram-se a seguir com certo merecimento, cabendo a vitória por equipas ao Caco, isto contra todos os prognósticos. De facto, o Benfica era favorito, mas só o engano do percurso lido por Guerreiro Gonçalves motivou a derrota dos encarnados, inibindo-os do seu quarto triunfo seguido.

Na corrida de amadores «andou-se» com vontade. Venceu — mais uma vez — Manuel Gonçalves, em 3 h. e 25 m. — tempo muito bom para os 110 quilómetros do percurso, seguido de Oliveira e Silva, Carlos Dias, Rafael Correira, Luis Santos e José Maria Ferreira.

Manuel Catarino e Emídio Pereira, que viriam a classificar-se em os primeiros, tiveram de desistir, o encarnado com um braço e uma perna perfidos por queda e o leão com ferimentos de monte. Tal acidente não permitiu que o Benfica se classificasse por equipas. O Sanaquinhos venceu todavia com absoluto merecimento, embora algo

«apertado» pelo Campo de Ourique, que totalizou só mais 2 pontos: 11 contra 13.

Manuel Rocha — Jorge Pereira vencedores na Marinha Grande

Teve muito brilho o festival velocipédico promovido no domingo pelo Sport Lisboa Marinha no seu campo atlético, ao qual concorreram alguns ciclistas da capital.

No prova de 35 voltas triunfou a vontade Jorge Pereira do Iluminante. A «americana» de 1 hora — corrida principal do programa — foi ganha merecidamente pelo «duo» Manuel Rocha-Jorge Pereira, seguido de Tavares da Silva-Mourão e Quadros-Pais Cobre. Vitória obtida no último «sprint», com vantagens de terreno e número de pontos.

Ao Desportivo a Iluminante foi conferida valiosa taça.

ANDEBOL

O campeonato nacional em crise

NO domingo passado não se realizaram os dois encontros marcados para o campeonato nacional. A Federação recebeu do Porto qualquer comunicado relativo a adiamento do jogo Porto-Vigorosa, cujo teor não podemos comentar por ignorância, mas que era de molde a provocar a imediata partida do secretário geral para o Norte.

Por outro lado, reconhecida a impossibilidade de organizar em Lisboa o Sporting-Caf com entradas pagas, em virtude dos novos e proibitivos impostos exigidos, dispanham-se os clubes a jogar com porta aberta quando a Federação, no sábado à noite, comunicou à Associação que o não autorizava e o jogo era transferido.

Sucedea, porém, posteriormente, o seguinte: 1.º em Lisboa compareceram no campo as duas equipas, o árbitro e os juizes de linha, público muito numeroso, toda esta gente porque não tivera conhecimento da tardia e intempestiva decisão do organismo superior do andebol; 2.º informações vindas do Porto dizem que o Vigorosa marcou pontos, porque o F. C. P. decidiu desistir do campeonato e abandonar a prática da modalidade.

E nós perguntamos: então, se assim é, que foi lá fazer o secretário geral da Federação? Porque se proibia o encontro de Lisboa, desde que os clubes contendores, principais interessados, pois dos seus cofres saem os gas-

sessão de boxe efcluida na noite de sábado, no Parque Mayer, safu excelente, tanto sob o ponto de vista desportivo como pelo lado de representação e cenário.

Os combates decorreram muito bem, mantendo a assistência até final. O Je fundu, travado entre Beni Levi (65,100 kg.) e o espanhol Alvarez Rodriguez «Reverte» (65,100), constituiu boa demonstração de pugnacidade e brio por parte de ambos os jogadores, cabendo merecida vitória pontual ao lusitano.

Reverte principiou atacando e foi abatido no solo por um golpe de delenção, que o desequilibrou. Ensiando combinações de esquadras-direitas, foi pouco feliz; Levi, bem guardado e ágil, esquivou tudo.

O moçambicano continuou na expectativa durante mais dois assaltos. Sofreu, no 2.º, três golpes à cara, aguentados com indiferença, e trabalhou no corpo-a-corpo. No imediato, susteve as investidas de Reverte, aplicando bons golpes no tronco e realizou alguns ataques, aliás pouco frutuozos.

O 4.º round pertenceu ao espanhol, que colocou boa «direita» ao maxilar e executou uma série num canto. Levi, na defesa, anulou parcialmente as acções adversas sem se apressar.

O 5.º período foi bastante equilibrado. Reverte caiu na lona, erguendo-se de seguida e propinando três golpes nítidos à cabeça. O último minuto foi de Levi, que impôs o corpo-a-corpo e forçou o adversário à defensiva.

Do 6.º período em diante a vantagem do moçambicano acentuou-se, apesar das magníficas reacções do seu antagonista. No 7.º, Levi executou dois belos golpes à cara e nos corpo-a-corpo foi manifestamente superior.

A vitória final, sem grande margem mas com nitidez, pertenceu a Beni Levi.

Bom arbitragem de José de Araújo. O combate antecedente pusera face a face o campeão dos «rios-levos», Licínio Passos, e Manuel de Sousa. O primeiro pesou 56,200 kg. e o último mais 1,700.

Licínio combateu em defesa passiva e do primeiro ao terceiro assalto não deu um golpe sério. No quarto, aplicou um soco excelente no maxilar, reduzindo bastante o andamento do adversário.

Manuel de Sousa elardou muito combalivemente e empregou abundantemente os dois punhos. No 5.º round marcou a cara de Licínio e no 6.º e 7.º assaltos mostrou-se francamente melhor, atingindo com frequência o campeão.

Vitória de Sousa, por pontos, e regular trabalho de Machado Júnior na direcção do combate.

A luta antecedente, travada entre Augusto de Sousa (69 kg.) e Kid Santos (72,400), foi excelente sob vários aspectos. Sousa tem atenuantes para explicar a derrota: excesso de peso, falta de preparação, distância curta, etc.

O punho esquerdo de Santos entrou sempre na guarda do adversário e alcançou a meta com facilidade.

Sousa tem o defeito de telefonar os seus golpes, anunciando-os demasiado pela larga trajectória que descrevem. Santos, preferindo as direcções mais curtas, teve o mérito de fazer seguir os socos iniciais com três ou quatro sucessivos, variando os alvos e atingindo-os em melhor proporção e eficácia. Guardou-se muito bem do punho direito de Sousa e trabalhou por linhas interiores com notável êxito. Que mais se poderá pedir a um rapaz com seis combates no activo?

E' certo que os ataques de Augusto de Sousa, ao estômago e flancos, nos dois últimos assaltos, concorrendo com a fadiga manifestada do angolano, reduziram a desvantagem final de pontos. Mas a vitória dificilmente lhe escaparia e foi-lhe outorgada com justiça.

O trabalho de W. Pressler, pouco produtivo e inseguro, não nos agradou.

A abrir a sessão, Gualdino, o Leão de Sé, e Rebordão bateram-se com dureza. No final dos oito assaltos, José de Araújo pronunciou o empate a decidir o resultado.

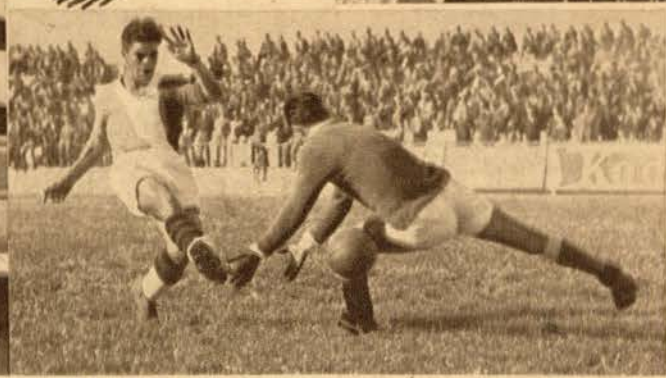
José de Ega

Rafael Barradas

FLECHA
a melhor bicicleta

Stadium

Vida desportiva

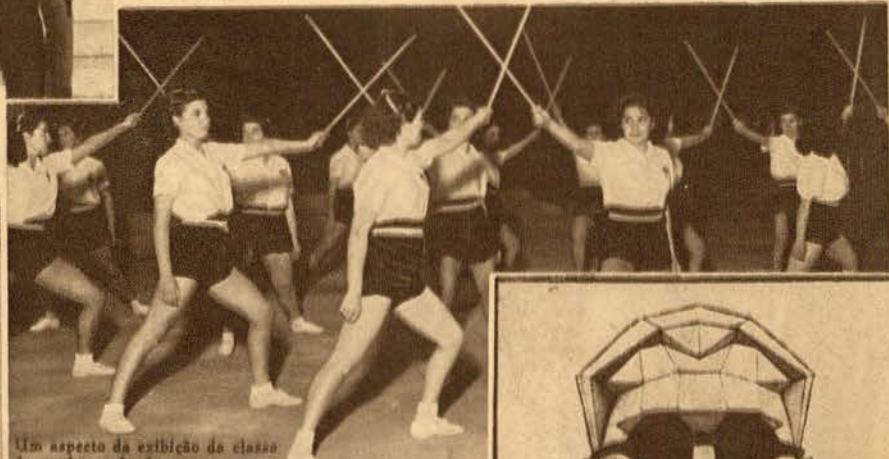


1 — Um aspecto do jantar oferecido pela F. N. A. T. aos finalistas do campeonato corporativo de futebol.
2 — Um dos «goals» de H. Valtier, no jogo final do campeonato corporativo.



Os grupos de futebol da Vacuum e Saecr, que jogaram no dia do aniversário do primário

Em cima: — o seleccionador nacional, Tavares da Silva, nosso querido chefe da redacção, ao chegar de avião, de Madrid, onde foi assistir ao Espanha-Irlanda. Vem sorridente... Em baixo: — a chegada do novo professor suíço para o Ginásio Clube Português.

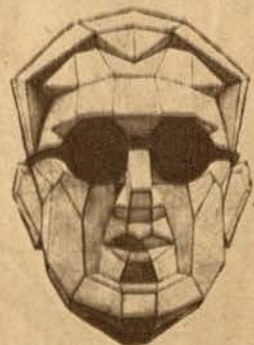


Um aspecto da exibição da classe de senhoras do Ateneu, no saraú há dias efectuado

NO PORTO; Em cima — o Ramalense e o Benfica, em jogo do campeonato nacional de hóquei; em baixo — Sampaio Peixoto, corta a meta nos 200 metros.



Uma fase do combate entre Leví e Reverte



GIL OCULISTA

FUNDADA EM 1888
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
126, RUA DA PRATA, 146
Telefone 2 2829 LISBOA

© A. J. ...

«...» ...



Handwritten signature



O ATLÉTICO finalista da «Taça»



De joelhos, da esquerda — Batista, Micael, Marques, Gregório, Rogério e Manuel da Costa.
De pé — Correia, Morais, José Lopes, Rosário, F.º Lopes, o médico do clube,
Armindo (suplente) Severiano Correia, treinador.



Flecha
a bicicleta dos campeões
A ILUMINANTE
Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa



Stadium
2,00